



A língua portuguesa na 56ª Feira do Livro de Belgrado

Pág.2

Portugal na Coreia

Pág.3

O mercado livreiro

6 cineastas no Festival de Busan

CVC
Depois do português médico, o português para negócios

Pág.4

Namíbia
Português no ensino oficial em 2012

Pág.4

Canadá
Inaugurado Centro de Língua Portuguesa em Toronto

Pág.4

A língua portuguesa na 56ª Feira do Livro de Belgrado

Normalmente, os convidados especiais são países. Mas desta feita, é a língua portuguesa (LP) a convidada de honra da 56ª edição da Feira do Livro de Belgrado (FLB) – que abre domingo, 23 de outubro, na capital sérvia –, o que é «muito simbólico» na opinião de André Cunha. «A língua tem de facto, em qualquer circunstância, um valor maior do que o somatório de todos os países que a falam. Não tem fronteiras», explica o responsável do Centro de Língua Portuguesa/ Instituto Camões (CLP/IC) de Belgrado, que liderou a equipa que preparou do lado português a programação para a feira.

A participação da LP na FLB partiu de uma iniciativa das embaixadas de Angola, Brasil e Portugal em Belgrado, com o apoio, no caso português, do Instituto Camões (IC) e da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB).

Na FLB, o escritor moçambicano Mia Couto fará a intervenção de abertura. É um das quase duas dezenas de escritores de LP, entre os quais estão Gonçalo M. Tavares, José Eduardo Agualusa, Lídia Jorge, Alice Vieira, Luandino Vieira e Pepetela, que vão passar por Belgrado durante os 7 dias que dura o evento, para apresentação de obras suas em serviço, realizadas no âmbito de um programa, que produziu «mais de 40 novas traduções e várias reedições».

As traduções publicadas propostamente para a FLB, com o apoio de concursos especiais ou em que foi privilegiada a língua sérvia, casos da DGLB (22 livros) e do IC (4 livros), e a presença dos escritores constituem o núcleo da representação da LP na feira. «O mais importante de tudo são os livros que vão sair», enfatiza André Cunha, para quem «cada escritor é do tamanho da sua própria língua, e essa língua é muito maior do que aquelas fronteiras que no mapa do mundo representam esses países».

A 4ª MAIOR FEIRA

Belgrado não é uma pequena feira, alerta André Cunha. É, talvez, diz, «a 4ª maior feira do livro da Europa», após Frankfurt, Paris e Berlim, ligada a um mercado potencial de leitores que falam línguas estreitamente aparentadas (senão a mesma...) na Sérvia, Montenegro, Croácia e Bósnia. Sendo um evento para o grande público, recebe 120-140 mil visitantes («é o velho estádio da Luz cheio de leitores», comenta), que chegam a pagar 2,5 euros para entrar. Mas em termos relativos, o leitor do IC considera que a feira é mais impressionante, porque são visitantes de um país com 7-8 milhões de habitantes, enquanto a feira de Turim, por exemplo,

com 250-300 mil visitantes em 5 dias, está ancorada num país com 60 milhões de habitantes e numa região, o norte de Itália, com imenso poder económico e com Milão ali ao lado.

Para Belgrado, Portugal preparou também a sua «provavelmente 4ª maior representação dos últimos 20 anos nas grandes feiras do livro da Europa», considera André Cunha. Houve Frankfurt, em 1999, comissariada por António Mega Ferreira, o Salão do Livro de Paris, em 2000, comissariada por Eduardo Prado Coelho, e a Feira do Livro de Turim, em 2006, que teve já uma estrutura mais pequena. Mas enquanto aquelas feiras se realizaram em palcos onde «a LP já tinha muita força», o investimento na feira balcânica decorre em «território virgem».

Uma tarefa possível pela enorme transformação registada no ensino da LP na Sérvia, com o nascimento, em 2005, do leitorado de Língua e Cultura Portuguesa do IC na Universidade de Belgrado, aberto pelo jornalista André Cunha. A passagem de zero a 150-200 estudantes deu outro protagonismo à LP e a atividade do CLP/IC e da rede por ele formada «foram fundamentais para todas as ideias e todos os contactos de programação agora postos em prática», diz André Cunha. O CLP/IC foi «o ninho» – uma imagem que o leitor do IC aprecia, porque, diz, «temos de facto uma estrutura muito pequena e que está a fazer o programa de uma feira do livro gigante, com pouquíssimos meios».

E o primeiro desafio que essa estrutura – inicialmente composta por André Cunha e Maja Spanjevic e depois reforçada por Hristina Vasic e Vesna Vidakovic – teve de enfrentar foi precisamente convencer as editoras sérvias a «ir a jogo». Com tanto sucesso, que ficaram surpreendidos com o elevado número de livros de LP traduzidos para sérvio, tendo em

vista a feira. «A partir do momento em que os editores começaram a responder com propostas – a maior parte dos livros são propostas que partem dos próprios editores –, gerou-se um efeito de 'bola de neve'» favorecido por um «mercado editorial que é muito dinâmico», diz.

A 'BOLA DE NEVE'

Para além do convidado da FLB ter «sempre muita nova edição», «o facto de ser uma língua que desperta curiosidade, mas que está pouco divulgada e pouco publicada, faz os editores perceberem que está aqui uma oportunidade», considera André Cunha, não ignorando que «há provavelmente na Sérvia melhores hábitos de leitura do que em Portugal ou em qualquer país de LP». Mas, «de facto, há muito pouca coisa publicada para trás. Portanto há muita sede de descobrir várias literaturas novas».

Face a esta 'fome' transformada em repentina 'fartura', André Cunha admite um «medo positivo». Não se pode deixar de perguntar se existem na Sérvia tantos tradutores para pôr cá fora tantas obras em tão curto espaço de tempo. Alguns livros que vão sair durante a FLB resultam de projetos que já estavam em vias de conclusão e cuja saída a feira acelerou, particularmente o trabalho de tradutores experientes. Mas depois há, obviamente, «um conjunto de novos tradutores que vêm já precisamente da 1ª geração dos estudantes de português», relativamente aos quais o CLP/IC pediu às editoras uma «oportunidade» e «espaço para crescer», mas também acompanhamento do trabalho. Estes «tradutores juniores», na 1ª ou 2ª tradução, não serão aliás assim tantos, respondendo por cerca de 20% das obras. No final, haverá «traduções melhores» e outras «piores, precisamente porque há editores que são mais profissionais do que outros». «Sendo um mercado editorial muito rico, não tem a qualidade de um mercado italiano, francês ou alemão», admite André Cunha.

Um debate sobre o futuro da tradução e publicação da literatura de LP nos Balcãs, prevista para 29 de outubro na feira, fará, aliás, a reflexão sobre o trabalho que feito, a sua qualidade e «o que é que se deve fazer daqui para frente» na região.

Seja como for, André Cunha reconhece-se na expressão de «pequena revolução» para o alargamento do conhecimento que a literatura de LP vai passar a ter na Sérvia, na sequência da feira. «Quando a poeira assentar, sim, é uma 'pequena revolução'. A feira é a senha dessa 'pequena revolução'».



Viagem a Portugal, Terra Verde Exposição fotográfica de Dragoljub Zamurovic na Knez Mihailova, rua no centro de Belgrado, no âmbito da Feira do Livro de Belgrado

Aposta em pontes culturais

Conferências, exposições, teatro, cinema, concertos, oficinas de trabalho e... livros, um número muito razoável de livros lançados pela maioria dos cerca de 20 escritores de língua portuguesa de Angola, Brasil, Moçambique e Portugal que marcam presença na 56ª Feira do Livro de Belgrado (FLB), em que o idioma em que escrevem é o convidado de honra.

O facto de ser uma língua comum a antigos colonizadores e colonizados explica a opção dos promotores da FLB pela organização, logo nos 2º e 3º dias da feira, que decorre de 23 a 30 de outubro, de uma conferência sobre 'Estudos Pós-coloniais'. «Essa conferência é um peso-pesado na programação da feira e a LP vai estar dentro dela», garante André Cunha, responsável do Centro de Língua Portuguesa/ Instituto Camões (CLP/IC) de Belgrado.

Na programação da LP para a feira há, aliás, diversos momentos de reflexão académica, nomeadamente com a participação do professor universitário Arnaldo Saraiva, tanto sobre a história da LP como sobre Fernando Pessoa, quando da projeção do filme *O Banqueiro Anarquista*.

Antes da feira se iniciar, os cidadãos de Belgrado assistiram a 4-9 de outubro, na sua cinemateca, a um ciclo de películas de LP, que no dia da abertura apresentou o documentário *José e Pilar* (2010), e que recuperou para o público sérvio um filme lendário do cinema moçambicano *O Tempo dos Leopardos* (1985), uma coprodução moçambicano-jugoslava.

Também ainda antes da feira, esteve exposto no coração de Belgrado, frente ao Centro Cultural da cidade, na rua pedonal Knez Mihailova – o equivalente simbólico do Rossio, em Lisboa, ou da Avenida dos Aliados, no Porto, na caracterização de André Cunha – o projeto *Viagem a Portugal. Terra Verde*, do destacado fotógrafo sérvio Dragoljub Zamurovic. 48 fotografias, depois mostradas no recinto da feira, que partiram de textos de

dois prémios Nobel da Literatura – o português José Saramago, na sua *Viagem a Portugal*, e o jugoslavo Ivo Andric, um diplomata de carreira que escreveu *Portugal, Terra Verde*, um texto de 1931 resultado de uma incursão no país. A legendaria fotografia, excertos dos dois autores.

Nesta procura de «pontes» entre Portugal e a Sérvia está a evocação dia 27 das *Crônicas Jugoslavas* (1996), do jornalista e escritor Álvaro Guerra, embaixador de Portugal na extinta Jugoslávia, pelas quais recebeu o Grande Prémio da Crónica da APE. As crónicas, «de uma sensibilidade muito bonita», no dizer de André Cunha, são editadas em sérvio, devido ao trabalho de «mais experiente tradutora» de LP da Sérvia, Jasmina Nešković, que, quando Álvaro Guerra morreu em 2002, comprou o livro num alfarrabista em Lisboa e publicou algumas das crónicas num jornal sérvio. No lançamento estará o escritor Pedro Rosa Mendes, que como jornalista também tem uma relação com os Balcãs, cujos acontecimentos da década de 90 cobriu extensamente.

Outras «pontes» há no programa, como uma sessão dia 29 que terá como centro o conto *O Vampiro de Belgrado*, escrito por Gonçalo M. Tavares para uma antologia temática sobre vampiros. Tavares está também ligado ao projeto de apresentação no festival de Jazz da feira – em que atuará também dia 29 a cantora Cristina Branco – de um espetáculo do pianista Júlio Resende, que tocará 10 temas de jazz seus, «inspirados em cada um dos 'cantos' da *Viagem à Índia*» de Gonçalo M. Tavares. «Um dos grandes destaques simbólicos da programação», diz André Cunha, que sublinha ainda dois outros momentos: o lançamento de *Bejograd*, um livro e um audiolivro com poemas de amor da LP, da responsabilidade do próprio André Cunha e de Maja Spanjevic, e de uma antologia do conto de 25 autores de LP, que «estava no baú de Jasmina Nešković».



Portugal na Coreia

Artes plásticas, cinema e literatura têm assinalado em 2011 na Coreia os 50 anos do estabelecimento de relações diplomáticas com Portugal.

Segundo Paulo Lopes Graça, secretário da Embaixada de Portugal em Seul, o «arranque sim-bólico» das celebrações, apoiadas pela Missão para as Comemorações Ásia 2011 e pelo Instituto Camões, ocorreu a 15 de abril, aniversário exato dos 50 anos, com o lançamento de um selo conjunto pelos Correios de Portugal e da Coreia.

Para além do apoio à edição de autores portugueses na Coreia, as comemorações tiveram «duas iniciativas importantes ao nível das artes plásticas e um programa especial de cinema português no Festival Internacional de Jeonju, que foi muito bem-sucedido». Este mês terão mais uma etapa cinéfila, com obras portuguesas contemporâneas no Festival Internacional de Cinema de Busan, «o maior e mais importante» da Ásia.

Nas artes, a exposição de João Tabarra e de Park Chankyong - *I could live here* - reuniu em Jeonju, em abril-maio, trabalhos em vídeo de «dois dos artistas mais representativos da arte contemporânea de cada um dos países», recebendo quase 3 mil visitantes. Depois, em Seul, a exposição *A Idade das Micro Viagens* reuniu obras de Tabarra, Maria Lusitano, Miguel Palma e Pedro Costa, em parceria com a Korea National University of Arts e os curadores japoneses Rika e Atsushi Sugita. À qualidade do projeto e excelente recepção do público, «junta-se a satisfação de o mesmo ter permitido a Portugal ter papel de ponte numa não muito frequente (e nem sempre fácil) discussão sobre teoria da arte e sobre a percepção do outro entre japoneses e coreanos», diz Paulo Lopes Graça.

O Festival de Jeonju acolheu a 1ª retrospectiva asiática da obra de António Reis e Margarida Cordeiro e um ciclo com filmes do cinema português, dos anos 60 até meados dos anos 80. Os realizadores João Botelho, João Tabarra e Rui Simões, o produtor Alexandre Oliveira e o crítico João Antunes estiveram presentes.

O leitorado do IC na Univ. Hanguk de Estudos Estrangeiros levou aos dois *campus* da instituição a exposição *Fernão Mendes Pinto - Deslumbramentos do Olhar* e organizou uma palestra com Isabel Pires de Lima sobre Saramago.

Este mês, o Sond'Ar - Te Ensemble virá à Coreia para três concertos e o responsável pelos assuntos culturais da Embaixada de Portugal conta ainda trazer até Seul a exposição sobre arquitetura contemporânea portuguesa *Tradition is Innovation*.

Investir no 7º mercado livreiro do mundo

Dezanove mil editoras e 35 mil títulos editados anualmente (2010). Os números são avassaladores quando se fala da Coreia (Sul), o 7º maior mercado livreiro do mundo, onde *Jerusalém*, de Gonçalo M. Tavares, e *Obrigado a Todos!*, um livro infantil ilustrado, de Isabel Minhós Martins e Bernardo Carvalho, foram editados com o apoio da Missão para as Comemorações Ásia 2011, quando se assinalam os 50 anos do estabelecimento de relações bilaterais.

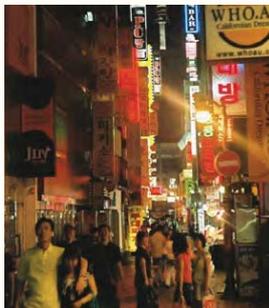
Difícilmente existiriam duas obras tão diferentes - no género e nos públicos -, mas para Paulo Lopes Graça, secretário da Embaixada de Portugal em Seul, o importante é que a qualidade das obras e dos autores «tem sido reconhecida internacionalmente». Critério fundamental para entrar no «largo e competitivo mercado das editoras coreanas», refere o responsável pelos assuntos culturais na representação diplomática portuguesa. Tanto mais que, acrescenta, o mercado - dominado por livros técnicos, de divulgação e pela banda desenhada - «está em contração nos últimos anos», em particular na literatura, e as editoras arriscam menos.

Quando apostam na literatura, as editoras coreanas baseiam-se, como noutros países, nas listas das obras mais vendidas e nos prémios literários de maior prestígio. A isso não será estranho que, fora do meio académico, os escritores de língua portuguesa conhecidos hoje em dia na Coreia sejam «apenas José Saramago e Paulo Coelho», o primeiro com boa parte da sua obra editada em língua coreana, indica o diplomata.

«O facto de Gonçalo M. Tavares ter ganho, em 2010, o Prémio de Melhor Livro Estrangeiro, em França, e o facto de a editora Planeta Tangerina [que editou a obra de Isabel Minhós Martins em Portugal] ter ganho aqui, no passado, o prémio de melhor livro de ilustração num importante salão local, são fatores que contribuem para determinar o porquê destas escolhas», diz o número dois da Embaixada de Portugal. A obra de Isabel Minhós Martins é já a segunda que se edita na Coreia pela mesma editora, a Whale Story, que já publicara *O Meu Vizinho é um Cão*.

«ALICERCE»

Como pano de fundo destas escolhas, Paulo Lopes Graça destaca a «imagem geral da cultura portuguesa» na Coreia e o ensino da língua portuguesa no país. A Open Books, que editou *Jerusalém*, tem a sua sede num espaço (que servirá igualmente de museu) projetado pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira. «Uma visibilidade positiva do nosso país em termos culturais, na Coreia, tem efeitos dire-



tos e visíveis na maior ou menor sensibilidade de algumas editoras para as obras de autores portugueses», considera o diplomata português.

Quanto ao ensino do português, Paulo Lopes Graça sublinha, a título de exemplo, que a autora da tradução de *Obrigado a Todos!* «tem já 20 anos de experiência na área do ensino da língua portuguesa». Mas reconhece implicitamente que é um caso invulgar, quando afirma que «o ensino da língua portuguesa é ainda uma realidade relativamente recente». De facto, rareiam os profissionais com capacidade para uma tradução direta de obras literárias do português para o coreano, admite o diplomata, que sublinha ainda «as diferenças substanciais entre as duas línguas, que tornam o processo ainda mais difícil». Assim, é importante o trabalho de sensibilização, tanto pelo lado do mercado, pela «divulgação dos casos de sucesso internacional de autores de língua portuguesa», como pelo lado do «meio académico ligado ao ensino da língua portuguesa», para que este divulgue a literatura portuguesa, porque é «um dos focos de onde pode partir o interesse (e a disponibilidade) para novas traduções», diz Paulo Lopes Graça.

No entender diplomata, «a divulgação da literatura portuguesa deve afirmar-se como um dos alicerces da ação cultural externa» no longo prazo. Para além de um «valor em si», «pode permitir explorar colaborações e atividades noutras áreas». «Nesse aspeto - diz - o Programa de Apoio à Edição, levado a cabo pela DGLB e pelo IC (e pelas Comemorações Ásia) é da maior importância em realidades como a da Coreia». «O número significativo de editoras existentes neste país poderá permitir o estabelecimento de relações de parceria com chances especializadas na edição de literatura 'occidental' - mas a formação de uma massa crítica de tradutores e o estímulo ao seu trabalho na área da literatura em língua portuguesa é fundamental para conseguir mais resultados no futuro», considera o diplomata português.

Festival do Filme de Busan 6 realizadores portugueses em destaque

Extreme Portuguese Cinema: Six Auteurs in Focus foi a designação escolhida pelo Festival Internacional do Filme de Busan, a 2ª maior cidade da Coreia do Sul, para o ciclo dedicado a realizadores portugueses contemporâneos incluído na programação da edição de 2011 do festival (6-14 de outubro), «o maior e mais importante do continente asiático», que funciona como «verdadeira central de compras para os distribuidores asiáticos», segundo refere Paulo Lopes Graça, secretário da Embaixada de Portugal em Seul e responsável local do lado português pela montagem deste programa, com o apoio do Instituto Camões, do Instituto do Cinema e do Audiovisual e da Missão para as Comemorações Ásia 2011.

A ideia, adianta o diplomata, «surtiu de contacto entre a Embaixada e o vice-diretor e cofundador do Festival, Jay Jeon», partindo do facto de se celebrarem os 50 anos das relações diplomáticas entre Portugal e a Coreia, de o festival dar este ano um novo «salto estrutural» com a sua própria sala de cinema e de a cinematografia portuguesa ainda não ter tido, nas 15 edições anteriores, um programa específico.

Quinze filmes de 6 realizadores portugueses (Manoel de Oliveira, João Canijo, João Pedro Rodrigues, Edgar Pêra, Miguel Gomes e João Nicolau) terão sido (escrevemos antes da realização do festival), assim, apresentados num certame que, segundo Lopes Graça «é mais *mainstream* [corrente dominante] do que alternativo, mas que talvez se encaixe melhor em 'uma coisa e outra'». *Mainstream* no que respeita à produção asiática e à central de vendas na forma do 'Asian Film Market', alternativo nas secções dedicadas às cinematografias não asiáticas, «mais orientadas pelo 'espírito de festival', privilegiando títulos que tenham rodado no circuito dos festivais europeus (Cannes e Veneza, principalmente)».

«INTENSIDADE»

Por detrás da classificação de *extreme* para o cinema português, difícil de ver na Coreia, esteve para os organizadores o facto de Portugal estar «surpreendentemente cheio de filmes dinâmicos e criativos». Os filmes escolhidos pelos organizadores, que se deslocaram a Portugal para visionamentos de seleção, mostram «uma ampla variedade de interesses com estilos extremamente diferentes». «É impossível defini-los numa categoria, qualquer que possa ser a história e o tema. Os cineastas desafiam-se a si próprios e persistem em seguir uma via extrema que revela a sua intensidade para com o filme», explicaram os organizadores do festival no seu sítio, onde não fugiram a caracterizar de modo sucinto cada um dos realizadores portugueses. Se o cinema de Oliveira representa o «desafio artístico interminável do mestre lendário», o de Canijo é o do «futuro mestre» que «desafia o tabu» e o de João Pedro Rodrigues a «nova vaga» que segue a «via artística extrema». Edgar Pêra «brilha através da sua criatividade e experimentação», enquanto Miguel Gomes «está à frente da Nova Vaga Portuguesa» e João Nicolau conhece um «crescimento meteórico».

Daí que terá sido certamente interessante acompanhar as palestras agendadas para o final da exibição das obras de João Canijo, João Pedro Rodrigues, Edgar Pêra e João Nicolau, cuja presença estava prevista neste festival, de dimensão «realmente impressionante», no dizer de Paulo Lopes Graça. Os mesmos cineastas tinham previsto ainda participar, a 9 de outubro, num seminário sobre cinema português organizado pelo festival e que contava também com João Rui Guerra da Mata. Os filmes *O Barão*, de Edgar Pêra, e *Sangue do Meu Sangue*, de João Canijo, ambos deste ano, foram ainda incluídos na secção *World Cinema*.



Sangue do Meu Sangue (2011) de João Canijo



Namíbia

Português no ensino oficial em 2012

O Português será disciplina opcional no sistema de ensino da Namíbia a partir de janeiro de 2012, quando se inicia o ano escolar, anunciou em setembro o Ministério da Educação daquele país africano, membro da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), de que fazem parte Angola e Moçambique.

Para além da proximidade com Angola e Moçambique, as autoridades namibianas, citadas pela Agência Lusa, justificaram a medida com o crescente interesse de cidadãos da Namíbia em aprenderem o Português, para melhor interagirem com aqueles países de língua oficial portuguesa nos campos diplomático, empresarial ou cultural.

Responsáveis diplomáticos de Portugal na Namíbia, citados pela mesma agência, indicaram que a introdução do Português como opção curricular a partir de 2012 tem todo o apoio das autoridades portuguesas. Um memorando de entendimento, ao abrigo do qual será dado esse apoio por Portugal, está a ser negociado entre os dois países.

Prémio Fernão Mendes Pinto para tese sobre Brasil e Portugal

Uma aluna brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais foi a vencedora do Prémio *Fernão Mendes Pinto*, no valor de 10 mil euros, promovido pela Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), destinado a distinguir as teses de mestrado ou doutoramento que contribuíram para a aproximação das comunidades de língua portuguesa.

Gisela de Amorim Serrano escreveu a tese *Caravelas de papel: A política editorial do Acordo Cultural de 1941 e o Pan-Lusitanismo (1941-1949)* – que, de acordo com o regulamento do prémio, será publicada pelo Instituto Camões – no âmbito do programa de pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

Segundo a autora, ao longo da tese é analisada a política editorial implementada pelo Acordo Cultural de 1941 entre o Brasil e Portugal. «Preocupe-me em descortinar, entre outros aspetos, os meandros discursivos dessa produção e a instrumentalização da História, em função do ideário político dos dois governos – [Getúlio Vargas] e [António de Oliveira] Salazar – que, juntos, queriam forjar uma espécie de «cultura política luso-brasileira», explicou Gisella, citada pelo sítio da UFMG.

Canadá

Inaugurado Centro de Língua Portuguesa

O Centro de Língua Portuguesa – Toronto (Instituto Camões) abriu em Toronto, gerido em parceria com uma associação das comunidades – a Luso Canadian Charitable Society.

O novo centro, que representa uma novidade na rede do IC, por não estar integrado numa escola já estabelecida, oferece cursos para todos os níveis e com todas as idades, desde a iniciação a níveis avançados de alunos que se preparam para exames internacionais, nomeadamente de Língua Portuguesa do Centro de Avaliação do Português Língua Estrangeira (CAPLE).

Para além dos cursos de conversação, são também disponibilizados programas para empresas, de forma a responder às necessidades específicas de profissionais integrados no mundo de negócios.

O Centro de Língua Portuguesa de Toronto, que funcionará sob a orientação pedagógica da Coordenação de Ensino (do Instituto Camões) no Canadá, promoverá igualmente palestras, exposições, visionamento de filmes e oficinas de trabalho relacionadas com a língua e a cultura portuguesas e o mundo lusófono, segundo Júlio Vilela, cónsul de Portugal em Toronto, citado pela Agência Lusa.

Depois do português médico, o português para negócios



◀ O primeiro curso de português para negócios ministrado em linha no Centro Virtual Camões (CVC), a plataforma de ensino a distância do Instituto Camões, tem precisamente início hoje, 19 de outubro, com coordenação e tutoria de Mónica Pereira, antiga responsável do Centro de Língua Portuguesa/ Instituto Camões na Universidade Estadual de New Jersey – Rutgers, nos Estados Unidos.

O curso de oito semanas, aberto ao grande público, destina-se a «participantes que desejem desenvolver a sua competência comunicativa em português, com interesse específico no campo dos negócios».

O primeiro curso numa área específica de conhecimento na plataforma do CVC ocorreu em 2010, quando médicos colombianos e costa-riquenhos, os primeiros já a trabalhar em Portugal desde abril passado, frequentaram a distância um curso de português orientado para o domínio da língua no seu campo profissional.

A ação foi um primeiro exemplo do que pode ser feito no domínio dos cursos para fins específicos, que tanto pode abranger a medicina, como a economia, o direito ou as engenharias. «Os cursos para fins específicos são direcionados para as necessidades concretas do público-alvo; privilegiam a aquisição de vocabulário e estruturas necessárias no contexto profissional em questão, sem esquecer a dimensão comunicativa e as estruturas básicas da língua», explica Lúcia

Mascarenhas, que foi tutora e produtora de materiais dos dois cursos ministrados a distância em 2010, frequentados por 112 médicos (77 colombianos e 35 costa-riquenhos), na sua maioria jovens adultos do sexo masculino.

Nestes cursos, procurou-se desenvolver, «por um lado, a dimensão comunicativa, para permitir aos médicos comunicar com os pacientes sem grandes dificuldades; por outro, o domínio de uma linguagem mais específica da medicina, indispensável para a sua atividade profissional», indica Lúcia Mascarenhas, professora no Instituto Português de Línguas e mestre em Ensino e Aprendizagem de Português Língua Segunda. «Cada unidade tinha, por isso, um primeiro bloco com temas do quotidiano e um segundo com temas médicos», acrescenta.

PÚBLICO IDEAL

A principal dificuldade, no dizer de Lúcia Mascarenhas, foi a «ausência de interação oral, por se tratar de um curso em linha com interação assíncrona». Tentou-se «suprir esta lacuna apostando em exercícios de compreensão oral de excertos de programas da televisão portuguesa», o que foi facilitado por se tratar maioritariamente de alunos jovens, o que «facilitou a participação nos fóruns e atividades».

Apesar destas dificuldades, a tutora reconhece que esteve em presença do «público ide-

al». «Alunos adultos, altamente motivados e com um nível de escolaridade elevado estão mais conscientes dos seus objetivos e necessidades e têm uma maior capacidade de trabalhar autonomamente», argumenta. Por outro lado, «o facto de serem todos falantes nativos de espanhol permitiu uma evolução inicial bastante rápida, pelas semelhanças linguísticas a nível de vocabulário e estruturas, mas exigiu um trabalho de diferenciação permanente das duas línguas».

A avaliação, «feita com base na participação dos alunos nas atividades propostas, que incluíam a leitura de materiais didáticos, a realização de exercícios em linha e de exercícios de expressão escrita semanais» possibilitou a 55 médicos colombianos e 15 médicos costa-riquenhos concluíram o curso com aproveitamento.

«Curiosamente», refere Lúcia Mascarenhas, «apesar de as mulheres estarem em minoria (cerca de 40% nos dois cursos) a taxa de aprovação entre elas foi superior, em particular no curso da Colômbia: mais de 90% das mulheres foram aprovadas, enquanto que cerca de 60% dos homens concluíram o curso com sucesso».

Que balanço? «Trabalho no ensino a distância há alguns anos, mas mesmo assim impressionou-me o nível que os alunos atingiram no final do curso. Não esperava que num mês pudessem ter uma evolução tão marcada, ainda para mais num curso que assenta totalmente no trabalho autónomo», diz Lúcia Mascarenhas. Tal deve-se, a meu ver, ao alto nível de motivação da maioria dos participantes. «A motivação é mesmo a chave do sucesso», considera.

Os cursos permitirão-lhe ainda «reafirmar a importância da comunicação, da empatia e do reforço positivo no ensino a distância, uma vez que só assim se cria o sentimento de pertença e o envolvimento favoráveis ao sucesso dos participantes».



Instituto Camões

Rua Rodrigues Sampaio, 113
1150-279 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlencarte@instituto-camoes.pt
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Mário Filipe
COLABORAÇÃO Carlos Lobato